

A EVOLUÇÃO DA INTELIGÊNCIA E A CRIAÇÃO DE NOVIDADE NAS PERSPECTIVAS DE JEAN PIAGET E HENRI BERGSON: UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA E OUTRA METAFÍSICA

Patrícia Gonçalves¹

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo analisar de que forma o filósofo Henri Bergson e o biólogo Jean Piaget caracterizam a inteligência humana, analisam seu desenvolvimento orgânico e sua relação com o meio, bem como compreendem o poder de criação de novidade, que, para um será definido como um ato inteligente e para o outro, como uma superação da inteligência rumo a uma intuição criadora. Bergson afirma que a inteligência está destinada a assegurar a inserção perfeita de nosso corpo no meio em que estamos inseridos, a representar as relações entre as coisas exteriores e a pensar a matéria sempre por dedução, não havendo criação de novidade, mas uma espera dos mesmos resultados. Criar algo novo para ele, está associado à evolução da inteligência em intuição criadora. Já Jean Piaget que foi leitor de Bergson desde a adolescência, acredita que nossa inteligência, dividida por ele em estádios do desenvolvimento, é capaz de construir conhecimento, de criar e de produzir novidade, realizando algumas críticas à teoria do primeiro, no que diz respeito à evolução e as funções da inteligência humana. Ele constrói sua própria teoria da epistemologia genética fundamentado nas questões filosóficas inspiradas na teoria de Bergson, sem, contudo, deixar de proferir algumas críticas e considerações.
Palavras-Chave: Bergson. Piaget. Inteligência. Criação.

ABSTRACT: This study aims to analyze how the philosopher Henri Bergson and the biologist Jean Piaget characterize human intelligence, analyze their organic development and their relationship with the environment, as well as understand the power of creation of novelty, which, for one will be defined as an intelligent act and for the other, as an overcoming of intelligence towards a creative intuition. Bergson affirms that intelligence is destined to ensure the perfect insertion of our body in the environment in which we are inserted, to represent the relations between external things and to think matter always by deduction, there being no creation of novelty but a waiting of the same results. To create something new for him is associated with the evolution of intelligence into creative intuition. Jean Piaget, who has been a reader of Bergson since his adolescence, believes that our intelligence, divided by him at stages of development, is capable of constructing knowledge, of creating and producing novelty, performing some criticism of the theory of the first, with respect evolution and functions of human intelligence. He then constructs his own theory of genetic epistemology based on the philosophical questions inspired by Bergson's theory, without, however, giving up some criticism and considerations.
Keywords: Bergson. Piaget. Intelligence. Creation.

¹ Graduada em pedagogia e em filosofia pela UFPR, Mestre em filosofia e Doutoranda no setor de Educação na linha de pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento humano.

INTRODUÇÃO

O epistemólogo suíço Jean Piaget criador da teoria da epistemologia genética – ciência que procura compreender a gênese e o desenvolvimento da inteligência humana – muitas vezes tem seu nome associado à educação, por ter elaborado uma tese na qual pretende analisar e descrever o desenvolvimento cognitivo em estádios que perpassam toda a infância. Contudo, o que nem sempre é um conhecimento unânime a seu respeito é o fato de que Piaget realizou sua formação universitária na biologia e que seu grande interesse por questões filosóficas data desde sua adolescência em que entrara em contato com a obra do filósofo francês Henri Bergson, tendo então sob a tutela de seu padrinho, tomado consciência de que a vida e sua origem poderiam ser compreendidas longe da estrutura religiosa. Vindo de uma família cristã, foi em contato com a obra de Bergson que Piaget percebeu pela primeira vez que poderia haver uma explicação não religiosa para algumas de suas inquietações de cunho filosófico. Após a leitura da obra *A Evolução Criadora*², na qual Bergson apresenta sua teoria da origem, do desenvolvimento e da evolução da inteligência humana em intuição criadora, Piaget encontra respostas que lhe trarão ainda mais perguntas sobre a temática que norteou toda sua vida. Entretanto, no decorrer de seus estudos ele opta pela formação em biologia na qual busca respostas empíricas para suas questões acerca da origem e da evolução da inteligência humana distanciando-se da teoria de Henri Bergson. Mas, mesmo tendo proferido críticas a respeito de alguns conceitos bergsonianos, a filosofia continua muito presente na obra de Piaget. Ele chega a se denominar como um “antigo futuro ex-filósofo” (PIAGET, 1983, p.88) e ressalta a influência da filosofia no desenvolvimento de sua obra, quando afirma: “chego à última parte da narração da minha experiência vivida por um antigo futuro ex-filósofo; e considero isso muito importante, pois me forneceu a confirmação da possibilidade de construir uma epistemologia científica tal como eu sempre havia sonhado” (PIAGET, 1983, p.88).

Tal afirmação nos mostra que, apesar das divergências pontuais que serão analisadas, algumas questões filosóficas se mantiveram sempre presentes na teoria piagetiana acerca do desenvolvimento da inteligência, pois, apesar de proferir críticas à Bergson, Piaget demonstra em sua obra que a influência do filósofo francês não se restringiu à sua adolescência, como veremos no

² BERGSON, H. *A evolução Criadora*; tradução Bento Prado Neto. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

decorrer desta análise. Para tal, faremos uso dos próprios textos do biólogo, nos quais encontramos várias referências e até mesmo críticas diretas a teoria de Henri Bergson. O contra-argumento bergsoniano também foi encontrado nos textos do filósofo e em alguns comentadores de sua obra, nos quais não há referências específicas a Piaget, mas em que há defesa às mesmas críticas encontradas no texto do suíço.

1. ANÁLISE

Em busca de mais conhecimento sobre a origem da vida e da inteligência humana, Piaget é apresentado, por intermédio de seu padrinho, Samuel Cornut, à obra de Henri Bergson, na qual este constrói sua teoria sobre a origem da vida – o *elã vital*, o desenvolvimento da inteligência com sua função fabricadora e a superação desta, rumo a um poder de criação definido por ele como intuição criadora. Piaget relata sua impressão sobre a obra,

foi um verdadeiro impacto e por duas razões igualmente fortes que convergiam com os interesses permanentes, que impelem os adolescentes para a filosofia. A primeira, de natureza cognitiva, era de achar a resposta aos grandes problemas reencontrados no decorrer da minha nascente formação. Apaixonado pela biologia, mas nada entendendo de matemáticas, de física, nem dos raciocínios lógicos que elas supõem escolarmente, achava fascinante o dualismo entre o impulso vital e a matéria recaindo sobre si mesma, ou entre a intuição da duração e da inteligência inapta para compreender a vida porque orientada em suas estruturas lógicas e matemáticas no sentido dessa matéria inerte. Em resumo, eu descobria uma filosofia respondendo exatamente à minha estrutura intelectual de então (PIAGET, 1983, p.72).

Contudo, mesmo cercado por essas inquietantes questões, durante sua adolescência Piaget também se manteve envolvido em pesquisas biológicas com moluscos. Tendo aprendido com o diretor do museu de Neuchatel a classificar e a catalogar espécies, o jovem procurou inicialmente formação universitária na biologia, tornando-se aluno do lógico Arnold Reymond que já em sua aula inaugural proferiu severas críticas à obra de Bergson. Piaget passa então a questionar a existência de uma lógica divergente da lógica matemática, como, em sua visão da época era proposta na obra bergsoniana. Ele adquire conhecimento em outras leituras sob a orientação do mestre Reymond e esboça alguns

ensaios sob a orientação deste. É neste momento que Piaget começa a trilhar os primeiros passos rumo ao desenvolvimento da questão que nortearia todas as suas pesquisas a respeito do mecanismo e da construção de conhecimento humano e passa a desvencilhar-se da teoria de Bergson. Ele confessa:

(...) por ocasião das primeiras comunicações que sobre o assunto fiz ao meu mestre Reymond sobre meu trabalho (...), tive a surpresa um tanto ingênua de descobrir que meu problema não estava longe do problema das classes, em lógica, e que minha lógica da vida se inseria facilmente na do grande Aristóteles, cuja noção de 'forma' era precisamente concebida como regendo o pensamento que correspondia exatamente às estruturas do organismo! Estava desta forma terminada a oposição bergsoniana do vital e do lógico-matemático e eu estava pronto para seguir Reymond nas suas iniciações à lógica e à filosofia matemática. Comecei mesmo a compreender as matemáticas através dessa filosofia e lendo a teoria dos conjuntos de La Vallée-Poussin. Em seguida, algumas pesquisas de biometria sobre a variabilidade dos meus moluscos alpinos acabaram de convencer-me (PIAGET, 1983, p.73).

No texto *Sabedoria e Ilusões da Filosofia*³, por exemplo, percebemos que no início Piaget fala de filósofos de forma abrangente, mas, que em seguida dirige-se diretamente a Bergson e a sua pretensão de elaborar um novo método de conhecimento. Uma informação que se faz importante, é o fato de que apesar de não ter seguido a carreira de filósofo academicamente, por ter lecionado em várias universidades o conteúdo filosófico, Piaget sempre demonstrou interesse pelas questões não apenas relacionadas a Bergson, mas pela filosofia de forma abrangente. Nesta passagem, por exemplo, ele analisa a ideia de um novo modelo de conhecimento propostos por Bergson e Husserl,

o ideal de um conhecimento supra científico nascido no século XIX tomou no início ou a forma francamente especulativa do idealismo alemão ou a forma mais modesta, e mais cuidadosa da epistemologia, de uma crítica da ciência. (...) Bergson e Husserl seguiram esse novo caminho, mas com dois métodos muito diferentes: o primeiro apoia-se em antíteses no seio de uma mesma realidade, para mostrar que se o saber racional é bem sucedido legitimamente em uma das duas direções possíveis, o outro permanece aberto a um modo diferente de conhecimento; (...) Buscando os mesmo alvos, de limitação do saber científico e de constituição de um conhecimento filosófico específico e autônomo, os

³ PIAGET, Jean. *A epistemologia genética. Sabedoria e ilusões da Filosofia. Problemas de Epistemologia genética*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. 2 eds. – São Paulo: Abril cultural, 1983.

dois métodos não coincidem absolutamente, pois o “mundo” positivo ao qual Husserl quer escapar compreende o tempo, enquanto que uma das antíteses fundamentais do bergsonismo é a do espaço, reservado à ciência racional e a da duração pura, domínio da intuição metafísica (PIAGET, 1983, p.128).

É importante lembrar que Piaget elabora sua teoria do desenvolvimento da inteligência dividida em estádios, caracterizados por níveis de conhecimento. O construtivismo piagetiano⁴ explica a passagem de um nível de menor conhecimento para um de maior conhecimento, em que o sujeito constrói seu objeto de conhecimento ao mesmo tempo em que se constrói como sujeito (STOLTZ, 2011). Assim, para ele, não seria necessário criar um novo método de conhecimento para compreender conceitos metafísicos como a origem da vida, que, em sua análise parece ser a proposta de Bergson, quando este apresenta seu conceito de intuição.

Podemos utilizar as palavras do próprio filósofo para argumentar, tendo em vista que para ele, não compreendemos o movimento de evolução da vida porque o tentamos através da inteligência. Lembremos que, para o filósofo, a maneira com que apreendemos o mundo – a inteligente – se dá através da espera dos mesmos resultados alcançados pelas mesmas ações que se repetem. Dito de outro modo, é através da dedução que nossa inteligência funciona, o que para ele seria insuficiente para compreender o movimento vital, que é caracterizado pela constante criação de novidade⁵. Na teoria bergsoniana, só seríamos capazes de compreender esse movimento criador através de um novo método: a intuição criadora.

Nas palavras de Bergson,

nossa inteligência, não encontrando então no novo nada além do antigo, sente-se em território conhecido; ela está à vontade; ela “compreende”. Tal é a clareza que desejamos, que procuramos, e sempre somos gratos a quem no-la traz. Há

⁴ Em várias de suas obras Piaget apresenta o desenvolvimento da inteligência em quatro principais estádios, são eles: sensorio motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal, podendo variar a nomenclatura dependendo da tradução. Esses estádios podem ocorrer na criança em idades diferentes, porém, de acordo com ele, sempre nesta mesma sequência. Para saber mais: PIAGET, Jean. *O Nascimento da Inteligência na criança*. Trad. De Álvaro Cabral. Ed. Guanabara: Rio de Janeiro, 1987

⁵ Ver os capítulos II e III da obra já citada *A Evolução Criadora*, na qual o filósofo expõe sua teoria da evolução da inteligência e do poder de criação através de algo que superaria a inteligência chamado por ele de intuição criadora.

outra, que sofremos e que, aliás, só se impõe com o tempo. É a clareza da ideia radicalmente nova e absolutamente simples, que capta mais ou menos com a intuição. Como não a podemos reconstituir com elementos preexistentes, uma vez que não temos elementos, e como, por outro lado, compreender sem esforço consiste em recompor o novo com o antigo, nosso primeiro movimento é o de dizê-la incompreensível. Mas aceitemo-la provisoriamente, passemos com ela pelos diversos departamentos de nosso conhecimento: veremô-la, ela obscura, dissipar obscuridades. Por meio dela, problemas que julgávamos insolúveis irão resolver-se, ou antes, dissolver-se, seja para desaparecer infinitamente, seja para se pôr de outro modo (BERGSON, 2006a, p. 33).

34

Para Piaget, a inteligência é capaz não apenas de construir conhecimentos, como de criar novidade (PIAGET, 1980). Ela compreende todos os conceitos através do mesmo procedimento de aprendizagem que procura partir de um conhecimento menor para construir um conhecimento maior, possibilitando não apenas a aprendizagem, mas a criação de ideias inovadoras, obras e o que mais nossa inteligência construtiva e criadora se dispuser a criar. Logo, para ele, não há que se pensar em algo para além da inteligência transformada em intuição que pudesse nos conduzir a uma superação da primeira. Para Piaget, o estágio superior da inteligência se caracteriza pelo poder de abstração e não pelo pensamento e forma de agir intuitivos, que, em sua teoria, pelo contrário, caracterizam um estágio anterior ao do desenvolvimento formal da inteligência, o estágio pré-operatório. Entretanto, para Bergson criar é construir algo novo fora do entendimento inteligente que repete o mesmo na espera dos mesmos resultados e que por isso apenas reorganiza o já existente. Criar para o filósofo, é acrescentar novidade e não apenas reorganizar o já existente.

Assim, poderíamos sugerir que do seu ponto de vista, efetivamente não há criação nos diferentes estágios descritos por Piaget, ou, ao menos, que aquilo que ele entende como criação recai na categoria de reprodução do mesmo ou de rearranjo de partes ao qual Bergson reduz o raciocínio inteligente, tendo em vista que na teoria piagetiana a cada novo conhecimento adquirido há uma reequilibração, ou seja, uma reorganização das estruturas já existentes. Em outras palavras, podemos sugerir que, sob a ótica bergsoniana o que Piaget chama de produção de novidade e de criação de novos conhecimentos, é o que Bergson considera como atividade inteligente, considerando que estamos sempre fazendo relações e rearranjando o novo com o já existente. Ao contrário, a produção de novidade, ou seja, a criação de algo inovador e criativo na perspectiva bergsoniana, alça voos distantes do pensamento inteligente por

precisar ir além deste, para encontrar no movimento contínuo da evolução da própria vida, as condições necessárias para criar.

Ele difere:

a inteligência brinda-se ordinariamente com coisas, entendendo com isso algo estável, e faz da mudança um acidente que lhe viria por acréscimo. Para a intuição, o essencial é a mudança: quanto à coisa, tal como a inteligência a entende, ela é um corte praticado no meio do devir e erigido por nosso espírito em substituto do conjunto. O pensamento representa-se ordinariamente o novo como um novo arranjo de elementos preexistentes; para ele, nada se perde, nada se cria. A intuição, vinculada a uma duração que é crescimento, nela percebe uma continuidade ininterrupta de imprevisível novidade; ela vê, ela sabe que o espírito retira de si mesmo mais do que possui, que a espiritualidade consiste justamente nisso e que a realidade, impregnada de espírito, é criação (BERGSON, 2006a, p.33).

Analisando os argumentos de Bergson em defesa de sua hipótese, de que a criação de novidade só seria possível através de um novo método, e tendo em vista que para ele, a inteligência apenas reorganiza o já existente, Piaget apresenta sua impressão sobre a teoria do filósofo. Em suas palavras,

notou-se muitas vezes quanto essa intuição pessoal de Bergson era produto de uma inteligência refinada, cuja reflexão não pretende atingir o ser de maneira brusca, mas começa por selecionar, dissociar e abstrair para reconstruir um modelo infinitamente elaborado de duração. (...) Com efeito, longe de constituir um ponto de partida, como o *Cogito* cartesiano ou husserliano, a partir do qual ter-se-iam desenvolvido os diversos lineamentos do sistema, a intuição bergsoniana é uma resultante de análises múltiplas conduzidas reflexivamente. Dir-se-á que ela os guiou, mas então a título de intuição intelectual, isto é, que estas hipóteses globais das quais se tem o 'sentimento' que elas conduzirão a qualquer coisa antes de poder debitá-las em raciocínios particulares. Não se vê pois em nada, nem a título de resultante nem a título de hipótese diretriz, em que se trataria dum modo de conhecimento *sui generis* e próprio à metafísica. (PIAGET, 1983, p.135).

Através desse argumento, podemos compreender que para Piaget a intuição criadora de Bergson é entendida como um refinamento da inteligência, considerando que nesta também há análise e reflexão como no ato inteligente, mas, que nem por isso é possível considera-la como um novo método de conhecimento. Dito de outra forma, Piaget concorda com o fato de que a

intuição bergsoniana possa ser uma forma refinada de inteligência, mas não com o fato de compreendê-la como um método novo e original de conhecer e estabelecer relações com o meio.

Em outro momento do mesmo texto, Piaget também coloca à prova a intuição bergsoniana, que ele chama de fenomenológica, e questiona se ela realmente se refere a um conhecimento verdadeiro, ou se é apenas um conhecimento aparente.

Ele afirma,

o problema que se trata pois de examinar agora, tomando como objeto de discussão a intuição bergsoniana e a intuição fenomenológica (não somente porque são os produtos das duas tendências paracientíficas das mais notáveis que se afirmaram no decorrer desse século, mas porque seus criadores mantiveram-se muito próximos dos problemas da ciência) é o problema de analisar a validade de tais modos de conhecimento: a intuição sendo ao mesmo tempo tomada de posse do objeto e garantia da verdade para o sujeito, essa dualidade na unidade fornece, efetivamente, um conhecimento distinto da experiência e da dedução, ou a unidade proposta não é senão aparente? (PIAGET, 1983, p.127).

Em defesa de seus argumentos, Bergson apresenta o método intuitivo como capaz de compreender os objetos em sua essência e não como um conhecimento superficial e aparente fundamentado apenas em deduções, como sugerido por Piaget. Ele nos diz, “Chamamos aqui de intuição a simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único” (BERGSON, 2006b, p.187). Dito de outra forma, para ele, a intuição vai além das relações estabelecidas pelo mecanismo inteligente. Assim, o que Bergson propõe não é apenas um refinamento como sugerido pelo outro, mas uma nova faculdade de conhecimento.

Frédéric Wors, profundo conhecedor e comentador da obra de Bergson, não se refere diretamente a Piaget, mas, no sentido de apresentar o método bergsoniano e esclarecer equívocos proferidos, Worms afirma não se tratar de algo para além do humano como confundido por alguns teóricos, mas como algo para além da inteligência, que com esta, passa a compreender conscientemente o sentido da vida e que não está relacionada a um retrocesso ao instinto ou a um dom sobrenatural, mas com uma complementação entre a forma inteligente e a instintiva que se completam em uma nova forma de conhecimento chamada de intuição. Ele afirma,

(...) a intuição deve, portanto, ser na teoria o que a inteligência é na prática: um progresso do conhecimento *completando* progressos práticos, não apenas no sentido técnico e adaptativo das máquinas humanas, mas para a vida humana como um todo. Não se trata, pois, de voltar ao instinto, nem mesmo para compreender a unidade da vida, trata-se de chegar à intuição, não somente para compreender a unidade da vida, mas também para compreender o sentido da vida humana como tal: o que a intuição deve compreender é o *sentido da inteligência!* Que se lhe acuse de ser metafísica, nada mais legítimo, se quisermos, mas então que não se engane de metafísica: não se trata de uma metafísica da inconsciência, mas de uma metafísica da consciência, e mesmo da consciência *em si* (WORMS, 2010, p.244).

Prado Júnior também traz luz a esta discussão, quando nos apresenta a seguinte análise sobre a complementaridade entre instinto e inteligência na obra de Bergson,

a ideia de complementaridade entre o instinto e a inteligência, a descoberta da origem comum, transformam-se, assim, em tese da possibilidade de uma consciência totalizante que novamente reúna o que fora separado pela evolução da vida. Essa nova forma de consciência nada mais será do que um conhecimento em que se estabeleça, novamente uma relação de interioridade entre a forma e o conteúdo do conhecimento. A tese da complementaridade - relativizando a perspectiva intelectual - torna possível o projeto da superação da própria intelectualidade (PRADO JÚNIOR, 1988, p.199).

Dessa forma, o que nos parece que Bergson se propõe a apresentar e que em alguns momentos não se fez compreendido, é que o objetivo de sua teoria da evolução criadora é conceber um método que possa explicar o movimento da vida e o poder criador do *elã vital*, - compreendido por ele como um movimento de evolução criadora - diferente da explicação dada pela ciência que se fundamenta no geometrismo dedutivo característico da inteligência. E para explicar sua hipótese, ele faz uso do próprio movimento da vida,

se todo ser vivo nasce, desenvolve-se e morre, se a vida é uma evolução e se a duração é aqui uma realidade, não haveria também uma intuição do vital e, por conseguinte, uma metafísica da vida, que prolongaria a ciência do vivo? Decerto, a ciência há de nos dar de forma cada vez melhor a físico-química da matéria organizada; mas a causa profunda da organização, com relação à qual vemos perfeitamente que não entra nem no quadro do puro mecanismo nem no da

finalidade propriamente dita, que não é nem unidade pura nem multiplicidade distinta, que nosso entendimento, enfim, sempre caracterizará por simples negações, será que não a atingiremos ao recuperar pela consciência o elã da vida que está em nós? (BERGSON, 2006a, p.30).

Como versa sobre a vida, na intuição criadora proposta por ele, a duração⁶ não poderia deixar de estar relacionada ao movimento criador. Para ele, a duração interior é o que poderia passar a compreender o movimento da vida, através de uma consciência alargada que se compara ao próprio objeto a ser apreendido, em outras palavras, ela está para além da consciência inteligente. De acordo com ele,

a intuição de que falamos, então, versa antes de tudo sobre a duração interior. Apreende uma sucessão que não é justaposição, um crescimento por dentro, o prolongamento ininterrupto do passado num presente que avança sobre o porvir. É a visão direta do espírito pelo espírito. Nada mais de interposto; nada de refração através do prisma do qual uma das faces é espaço e a outra linguagem. Ao invés de estados contíguos a estados, que se tornarão palavras justapostas a palavras, eis a continuidade indivisível e, por isso mesmo, substancial do fluxo da vida interior. Intuição, portanto, significa primeiro consciência, mas consciência imediata, visão que mal se distingue do objeto visto, conhecimento que é contato e mesmo coincidência. É, em segundo lugar, consciência alargada, premendo contra os bordos de um inconsciente que cede e que resiste, que se rende e que se retoma: através de alternâncias rápidas de obscuridade e de luz, faz-nos constatar que o inconsciente está aí; contra a estrita lógica, afirma que por mais que o psicológico seja algo consciente, há não obstante um inconsciente lógico (BERGSON, 2006a p.30).

Podemos compreender que, Bergson apresenta a intuição, a inteligência e o instinto cada um com suas atribuições, sem a pretensão de determinar uma escala de superioridade entre um e outro, mas com o objetivo de esclarecer que todos estes métodos possuem maneiras específicas de lidarem com o meio, a matéria e o conhecimento. Não se trata de elencar qual seria superior a um ou a outro, mas de compreender cada um deles em suas especificidades.

Por proporem uma nova visão sobre as formas de se conhecer, tais conceitos causaram grande agitação nos meios filosóficos de sua época, havendo algumas discordâncias e, por que não dizer, algumas falhas de interpretação

6 Para melhor compreensão acerca do conceito de duração na obra do filósofo, sugerimos a leitura da obra *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. BERGSON, Henri. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Presses universitaires de France, 1970.

sobre sua teoria, o que poderia vir a ocorrer com qualquer pesquisador que se sujeitasse, assim como ele, a propor algo novo, sobretudo quando falamos das formas de compreender o mundo e de criar novidade, conceitos que pareçam tão enraizados em sua época, mas que, ainda nos dias atuais, se tornam barreiras quando tentamos conceber uma nova forma de conhecimento, que não seja a forma inteligente. Em termos bergsonianos,

o trabalho habitual do pensamento é fácil e prolonga-se tanto quanto quisermos. A intuição é árdua e não poderia durar. Intelecção ou intuição, o pensamento sem dúvida emprega sempre a linguagem; e a intuição, como todo pensamento, acaba por se alojar em conceitos: duração, multiplicidade qualitativa ou heterogênea, inconsciente – diferencial, mesmo, se tomarmos a noção tal como era no começo. Mas o conceito de origem intelectual é de imediato claro, pelo menos para um espírito que possa despendar o esforço necessário, ao passo que a ideia provinda da intuição começa de ordinário a ser obscura, seja lá qual for nossa força de pensamento (BERGSON, 2006a p.33).

Podemos compreender que tanto o filósofo Henri Bergson, quanto o biólogo Jean Piaget construíram sólidas teorias a respeito da origem e do desenvolvimento da inteligência e que, justamente por terem formações diferentes e assim objetivos e pontos de vista diferentes, os autores construíram diferentes concepções sobre a origem da inteligência e o poder de criação. Piaget buscou compreender o desenvolvimento da inteligência em estágios do desenvolvimento, nos quais depois de superados os reflexos instintivos, sempre passamos de um conhecimento menor para construir um conhecimento maior, até atingirmos o estágio de maior desenvolvimento caracterizado pelo poder de abstração. Bergson entende o movimento da vida, a duração que a acompanha e o desenvolvimento da inteligência e de outras formas de entendimento como o instinto, apenas como um estágio de um desenvolvimento maior, que é o da evolução da própria vida.

A grande questão que parece distanciar os estudiosos, é a compreensão do poder de criação de novidade que para Piaget é algo inteligente, uma vez que através da inteligência que nos caracteriza somos capazes de compreender conteúdos, conceitos e somos também capazes de criar, inventar e produzir novidade através da criatividade presente em nós desde nossa primeira infância. Justamente nesta etapa, a saber, na primeira infância, estamos mais criativos, pois para ele, nossa inteligência está mais fecunda. Posteriormente, quando

nossa inteligência passa a direcionar-se aos conhecimentos formais enquanto indução, dedução e abstração, estas condições colocariam o ser humano em esquemas mais fechados.

Na obra *O possível e o necessário: evolução dos possíveis na criança*⁷, Piaget afirma que o possível cognitivo é essencialmente invenção e criação, e que estas são as características que o tornam importante e singular para justificar a epistemologia construtivista, pois são destas estruturas que comportam o que é possível para o indivíduo, que ele passa a criar. Outro ponto que Piaget aborda nesta obra, é o de que os indivíduos neste estágio de desenvolvimento não fazem muita distinção entre o real, o possível e o necessário, pois para eles, todos os objetos aparecem não apenas como sendo o que são, mas ainda como podendo necessariamente ser o que eles imaginarem, abrindo um leque de possibilidades de variações ou mudanças em relação ao que realmente o objeto é, criando constantemente novas atribuições e novas funções.

Sobre essa necessidade de criar ele afirma,

(...) cada novo possível constitui ao mesmo tempo uma construção e uma abertura, pelo fato de engendrar simultaneamente uma novidade positiva e uma lacuna a preencher, portanto uma limitação perturbadora a compensar. Em outras palavras, o nascimento de um possível apresenta o duplo aspecto de uma conquista atualizável e da aquisição de um poder que tende a se exercer e que se torna fonte de desequilíbrio, enquanto não conduz a uma nova conquista (PIAGET, 1985, p.135).

Com o passar do tempo, com o amadurecimento cognitivo e com o contato com os outros, a criança estabelece relações mais rígidas com os objetos. Para Piaget, ela libertar-se das pseudonecessidades próprias à primeira infância e inicia a formação dos possíveis, condição necessária para que ela possa atingir mais objetividade na sua construção do real (PIAGET, 1985).

Em suas análises e experiências a respeito da relação entre a evolução observada na formação dos possíveis e a sucessão dos estádios operatórios, Piaget afirma que há uma relação tão íntima e regular entre ambos, que foi possível utilizar os mesmos estádios para descrever os dois desenvolvimentos.

Segundo ele,

7 PIAGET, Jean. *O Possível e o Necessário: evolução dos possíveis na criança*. Artes Médicas. Porto Alegre, 1985.

(...) ao estágio pré-operatório I correspondem os possíveis por sucessão analógica; no nível IIA, do início das operações concretas, se constituem os co-possíveis concretos; no seguinte IIB (patamar de equilíbrio das operações concretas) situam-se os co-possíveis que chamamos abreviadamente como abstratos, mas simplesmente no sentido de que são generalizados a muito mais casos do que os únicos atualizados; finalmente, no patamar III das operações hipotético-dedutivas aparecem os co-possíveis quaisquer em número ilimitado (PIAGET, 1985, p.130).

Desse modo, podemos compreender que a produção de novidade é analisada e descrita por Piaget, através do mesmo processo de construção de conhecimento que envolve a equilibração, a maturação orgânica e a tomada de consciência. O que nos chama a atenção em seus textos, é o fato de que o potencial para criar algo está em constante desenvolvimento assim como a inteligência, mas, ao contrário desta, que tem seu potencial atingido por volta da idade da adolescência, caracterizada entre outros, pelo poder de abstração, em sua teoria o poder de criação se encontra em seu mais alto potencial na primeira infância. Em suas palavras, “o período mais criador da vida humana, creio, é entre o nascimento e os dezoito meses. É inaudito...” (PIAGET in JEAN-CLAUDE BRINGUIER, 1978, p.181).

Quando perguntado se se aprende mais nesta etapa do que nas demais, ele enfatiza,

como rapidez e como fecundidade, sempre achei que era o período máximo da criação. A criação cognitiva, e repare, antes da linguagem em ação! Em seguida, ao nível do pensamento e da representação, tudo isto vai ser reconstruído, reestruturado sobre o terreno conceitual, no plano conceitual (PIAGET in JEAN-CLAUDE BRINGUIER, 1978, p.181).

Em outros termos, percebemos que na teoria de Piaget o maior poder de criação está vinculado à fecundidade cognitiva própria da primeira infância. Neste sentido, os primeiros meses de vida seriam aqueles em que a inteligência, mesmo não formalizada e sem linguagem, estaria mais criativa, portanto, este seria o momento de vida em que mais se aprenderia e em que mais se poderia criar. A esse respeito, em uma de suas palestras⁸ ele afirma:

8 Conferência proferida por Piaget em 1972 no Simpósio Creativity: Moving Force of Society, realizada na Johns Hopkins University, Baltimore, Maryland, redigida In: VASCONCELLOS,

tirei muitos dos meus exemplos da infância, porque é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano. No período sensório-motor, por exemplo, antes do desenvolvimento da linguagem, é inacreditável a sua quantidade de invenção e descoberta. Também tirei exemplos da matemática. Poderia ainda ter tirado da física – na área da construção dos modelos físicos, por exemplo. Só gostaria de terminar repetindo as palavras de um pesquisador que trabalha conosco em Gênbra fazendo experiências sobre o pensamento das crianças na área da física. Ele disse o que distingue o físico criativo do não-criativo: o físico criativo, apesar do seu conhecimento, em uma parte de si tem uma criança com a curiosidade e a candura da descoberta que caracterizam a maioria das crianças até serem deformadas pela sociedade adulta (PIAGET In: VASCONCELLOS, 2001, p.18).

Assim, concluímos que para Piaget a criação está presente em todos os estágios do desenvolvimento da inteligência, mas que, uma vez que no estágio pré-operatório a inteligência está mais fecunda, é neste momento que somos mais criativos, mesmo ainda não tendo constituído uma inteligência formal. Já para Bergson a inteligência só poderia criar quando evoluísse rumo à uma intuição criadora, uma vez que para o filósofo francês, a criação de novidade é definida como um poder, uma possibilidade àqueles que, superando a inteligência, poderiam se inclinar para a abertura do fluxo da vida onde, além de compreendê-lo é possível criar obras, conceitos e outros objetos que não estejam mais vinculados às necessidades mecânicas de nosso cotidiano que tem em vista apenas a resolução de problemas imediatos para assegurar nossa inserção no mundo. Criar para Bergson, supera não apenas a inteligência, mas todas as necessidades básicas da vida. Em suas palavras, “talvez até mesmo a morte” (BERGSON, 2005, p.293). Para defini-la, é importante lembrarmos que, na teoria de Bergson, uma vez que todas as espécies partiram de um único impulso de vida, há uma franja sempre latente de tudo o que as espécies poderiam ter sido e abandonaram no caminho em sua duração, presente em todas as espécies⁹. Assim, há sempre adormecido no animal instintivo algo de inteligente, bem como no ser humano há traços de instinto. Entretanto, se a inteligência funciona fazendo um recorte do real decompondo e recompondo eventos temporais em partes distintas a fim de analisar na situação anterior o que lhe pode ser útil na ação presente, a intuição desvia-se deste mecanismo.

Mário Sérgio (org). *Criatividade: Psicologia, Educação e Conhecimento do Novo*. São Paulo: Moderna, 2001.

9 Ver capítulo I da obra supracitada *A Evolução Criadora*.

Nela há uma aproximação temporal com a realidade e um conhecimento interior do que está em questão, e não apenas um recorte, como nos dá o ato inteligente. Segundo ele,

a inteligência, por intermédio da ciência que é obra sua, franquear-nos-á cada vez mais completamente o segredo das operações físicas; da vida, ela só nos traz e, aliás, só pretende nos trazer uma tradução em termos de inércia. Dá a volta toda, tomando, de fora, o maior número possível de vistas desse objeto, que ela atrai para seu terreno, em vez de entrar no dele. Mas é para o interior mesmo da vida que nos conduziria a intuição, isto é, o instinto tornado desinteressado, consciente de si mesmo, capaz de refletir sobre seu objeto e de ampliá-lo indefinidamente (BERGSON, 2005a, p.191).

A intuição é o conhecimento de algo em sua essência. Diferente do conhecimento inteligente que se obtém através da percepção de características externas. A intuição é o conhecimento que coincide com a coisa mesma, por estar aberta para a passagem do impulso de vida. Na análise de Prado Júnior,

a intuição é, assim, precisa à medida que é também, governada pelo que é dado na experiência. Mas, trata-se de uma experiência e de um tipo de dado peculiares à perspectiva filosófica, só a ela acessíveis, e que se esfumam quando se passa à perspectiva científica. É como se a filosofia tornasse possível uma experiência cujo 'objeto' não mais é objeto 'já feito' da experiência cotidiana e científica (que se constituem dentro do mesmo horizonte), mas o 'impulso' ou a 'pulsão' que está em sua mais primitiva raiz. Ela captura o objeto *par le dedans*,¹⁰ e ele deixa imediatamente de ser objeto -, *a intuição é o fim da objetividade*: nela o conhecido é conhecido no ato em que ele se auto constitui (PRADO JÚNIOR, 1988, p.180).

Num exemplo de intuição criadora, no sentido bergsoniano, podemos citar a criação de uma obra de arte. Quando o artista munido de seu material de criação, põe-se a pintar um modelo, ele percebe seus traços justapostos e não organizados entre si. Entretanto é justamente esta barreira entre ele e o movimento da vida, que o artista se propõe a quebrar, através da criação da obra em si. No texto ele esclarece,

10 Pelo interior. (Tradução nossa)

nosso olho percebe os traços do ser vivo, mas justapostos uns aos outros e não organizados entre si. Escapa-lhe a intenção da vida, o movimento simples que corre através das linhas, que as liga umas às outras e lhes dá uma significação. É essa intenção que o artista visa recuperar, recolocando-se no interior do objeto por uma espécie de simpatia, desfazendo, por um esforço de intuição, a barreira que o espaço interpõe entre ele e o modelo (BERGSON, 2005, p.192).

Para Mascarenhas,

por outro lado, no que respeita a vida em seu movimento criador, é pela intuição que se pode obter uma experiência mais profunda. Pois é como se a intuição tivesse em si a capacidade de 'renunciar' a toda aparência ativa e se voltar para o certo sentido íntimo ou simpático de relação com seu objeto, podendo constituir uma relação desinteressada com o mundo (MASCARENHAS, 2009, p.209).

Essa experiência ultrapassa a inteligência uma vez que tem a seu alcance o conhecimento do todo e não mais apenas um recorte temporal da duração. Na intuição, os sentidos do real podem ser apreendidos como um todo, em um único golpe. O filósofo afirma: ela, "(...) *é a simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único e por consequência de inexprimível*" (BERGSON, 2005, p.263).

Podemos compreender com essa afirmação que, a intuição só é possível através de uma compreensão do objeto dada por outro mecanismo, a saber, o instinto. Ele, que como apresentado anteriormente, é especialista e que carrega em si a criação, possibilita esta simpatia e essa transposição para o interior do objeto, resultando no conhecimento absoluto. Se nos muníssemos apenas de inteligência, esta capacidade de conhecer algo em sua totalidade não seria possível. Assim, instinto e inteligência, um deixando de assombrar o outro apenas como uma franja, e passando a se fazer presente, poderia ultrapassar a inteligência, rumo a uma intuição criadora.

Por outro lado, para Piaget, como vimos, não há essa distinção, pois todo novo conhecimento construído é para ele uma produção de novidade. Daí seu título de teórico do construtivismo, por compreender que quando assimilamos e acomodamos um novo conhecimento, isso já é um ato criador.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta análise nos principais textos de Henri Bergson e Jean Piaget no que versa sobre a inteligência, podemos compreender que Piaget, não considera a hipótese metafísica da duração e da intuição bergsoniana, uma vez que partindo de uma teoria eminentemente científica, ele procura métodos que comprovem suas hipóteses filosóficas sobre como se dá o processo de aquisição de conhecimento humano, rejeitando o caráter metafísico da teoria de Bergson que propõe uma inteligência limitada à criação, que restringe-se a estabelecer relações entre os mesmos resultados esperados, sendo possível criar novidade apenas através de sua superação através de uma intuição criadora.

Percebemos, através da análise dos textos, que Piaget não rejeita a teoria do filósofo, mas que ao elaborar sua própria hipótese, ele entende a criação sob dois prismas: primeiramente relacionada à inteligência pré-racional e à intuição e depois, relacionada à inteligência racional por meio da dialética entre os possíveis, que seria a produção de novidades e os necessários, que satisfazem as necessidades lógicas. É importante ressaltar que toda a sua teoria é transpassada pela máxima de que em todos os estádios de desenvolvimento estamos aptos a criar e que também em todos eles estamos sempre construindo conhecimento.

Por fim, nos chama a atenção o fato de que, para Piaget o poder de criação está mais próximo da inteligência intuitiva do que da abstrata, indo em direção contrária ao desenvolvimento da inteligência. Em outras palavras, enquanto o ápice da inteligência humana se daria no último estágio do desenvolvimento, caracterizado pelo poder de abstração, o da criatividade se daria nos primeiros estádios que são caracterizados justamente pela inteligência intuitiva.

Enquanto Bergson desenvolve sua teoria do *elã vital* para explicar a origem e a evolução da vida e entende que para compreendermos este fluxo constante de criação de novidade que nos possibilita o poder de criar algo novo, precisamos ir para além da inteligência através de uma intuição criadora, Piaget compreende o desenvolvimento da inteligência em estádios, onde iniciando pelos atos reflexos, que ainda não são atos inteligentes, mas que servem de base para a sua evolução, partimos sempre de um conhecimento menor para construir um conhecimento maior até atingirmos o mais alto potencial de desenvolvimento, caracterizado pelo poder de abstração. Além de podermos compreender conceitos metafísicos e quaisquer outros conceitos através de nossa inteligência, também estamos aptos para criar em qualquer um dos estádios, pois para ele, a inteligência e a aquisição de novos conhecimentos são

sempre atos de construção e de criação, tendo em vista que quando acomodamos novos conhecimentos, construímos e criamos novidade.

A grande oposição de Piaget à teoria do filósofo é esta: a distinção entre uma posição científica e outra metafísica. Em Piaget, encontramos a cientificidade e a busca por resultados empíricos que comprovassem suas inquietações acerca de como o ser humano aprende. Em Bergson, a hipótese metafísica de uma intuição que supera a inteligência rumo a uma intuição criadora, onde o fluxo da vida continua a fluir e a produzir novidade. Neste sentido, podemos afirmar que não se trata de certo ou errado, mas de duas teorias acerca da inteligência humana em que os estudiosos, cada qual em sua área de pesquisa específica, desenvolveram conceitos que hoje nos auxiliam a compreender a origem, o funcionamento e o desenvolvimento da inteligência humana.

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **A evolução Criadora**; tradução Bento Prado Neto. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Essai sur les données immédiates de la conscience**. Presses universitaires de France, 1970.

_____. **Introdução à metafísica. In: O pensamento e o movente. Ensaio e conferências**. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **Introdução à Metafísica**. Tradução: Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo, Martins Fontes: 2006b.

BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Trad. Maria José Guedes. Ed. Difel: Rio de Janeiro, 1978.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética. Sabedoria e ilusões da Filosofia. Problemas de Epistemologia genética**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. 2 ed. – São Paulo: Abril cultural, 1983.

_____. **O Possível e o Necessário: evolução dos possíveis na criança**. Artes Médicas. Porto Alegre, 1985.

_____. O homem e suas ideias. Trad. Richard I. Evans. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

WORMS, Frédéric. **Bergson ou os dois sentidos da vida**. Trad. Aristóteles Angheben Predebon. – São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

MASCARENHAS, Aristeu. Intuição, ciência e metafísica em Bergson. In: PINTO, Débora Cristina Morato; MARQUES, Silene Torres (orgs). **Henri Bergson: crítica do negativo e pensamento em duração**. São Paulo: Alameda, 2009.

PRADO JÚNIOR, Bento. **Presença e campo transcendental**. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

STOLTZ, Tânia. As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar. 3 ed. ver., ampl. – Curitiba: IBPEX, 2011.

VASCONCELLOS, Mário Sérgio (org). **Criatividade: Psicologia, Educação e Conhecimento do Novo**. São Paulo: Moderna, 2001.